

## A VIOLÊNCIA E A HOMOAFETIVIDADE REPRIMIDA NO CONTO *O OFICIAL PRUSSIANO*, DE D. H. LAWRENCE.

Iêda Carvalhêdo Barbosa (UFC/IFCE)<sup>1</sup>

**Resumo:** Busca-se, no presente estudo, analisar um dos contos mais emblemáticos de Lawrence, *O Oficial Prussiano*, no que respeita à homoafetividade reprimida de dois personagens da trama, Herr Hauptmann, um oficial, e um jovem soldado sob seu comando, Schöner, que só conseguem exprimir seus desejos por meio da violência física e psicológica. Esta é uma narrativa marcada pela relação entre o poder e o erotismo com tendências sadomasoquistas. A referida pesquisa intenta provocar uma reflexão sobre a impossibilidade da transgressão sexual e a consequente adequação comportamental às normas das representações sociais, baseando-se em Freud (1972), Bataille (1985), Costa (1992) e Wanderley (1994).

**Palavras-chave:** Violência; Homoafetividade; *O Oficial Prussiano*; D. H. Lawrence

A preocupação com o inconsciente, a emoção e o desejo subconsciente do homem é marcante na obra do escritor do Modernismo inglês D. H. Lawrence (1885-1930). Seus escritos são espontâneos e abordam de forma franca e desinibida assuntos tabus na Inglaterra pudica e vitoriana como o sexo, chocando muitos de seus contemporâneos e fazendo de Lawrence um autor de mais afinidades com a segunda metade do século XX do que com seus decênios iniciais quando produziu sua obra.

O erotismo marca todo o seu trabalho por meio do qual Lawrence pretendia eliminar os extremos tanto da aparente modéstia vitoriana como da decadência e mecanização modernas de seu tempo, mostrando a necessidade de uma mudança revolucionária no que diz respeito às atitudes sexuais.

Dois de seus romances, *O arco-íris* (1915) e *O amante de Lady Chatterley* (1928), foram proibidos e associados à pornografia por suas polêmicas descrições de relações sexuais e também por ataques ácidos às convicções morais vigentes da sociedade inglesa.

Para burlar os costumes da época e promover, ao lado do controle e da repressão, formas um tanto excêntricas de prazer, Lawrence fez uso de técnicas narrativas guiadas pela psicanálise, pelo fluxo de consciência e por discussões morais.

Vale ressaltar que o escritor inglês, em *Pornography and Obscenity* (1973), afirmou que o sexo, desde o Renascimento, fora tratado erroneamente devido ao medo de doenças e à dissociação entre a mente e a função do corpo, levando a um tipo equivocado de

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Literatura Comparada (UFC). Professora de língua portuguesa e literatura do IFCE. Contato: iedacarvalhedoadv@yahoo.com.br

segredo. O autor acreditava que eliminar o “segredinho sujo” era essencial para a liberdade humana e para o desenvolvimento do ser como um todo.

Dessa forma, procura-se investigar neste trabalho a homoafetividade em um dos contos de Lawrence, *O Oficial Prussiano*. A referida narrativa é uma história de ódio e paixão, brutalidade e assassinato. Um oficial do exército prussiano, Herr Hauptmann, frio, impessoal e severo, sente-se fortemente atraído por um jovem soldado a ele subordinado, Schöner, cujo nome em alemão significa “mais bonito”, porém essa pulsão homossexual é considerada pecaminosa pela sociedade e pelas próprias personagens que não a aceitam. A conseqüente supressão do contato físico desejado gera uma relação de amor e ódio baseada na violência. O capitão humilha Schöner e o espanca frequentemente, fazendo o rapaz compreender que, para manter sua integridade física e, principalmente, psicológica, é necessário assassiná-lo. O soldado o executa, porém depois sofre delírios e também morre.

O oficial era um aristocrata falido, arrogante e despótico, contudo se envolve amorosamente com alguém de uma classe menos culta, visto que o oficial era extremamente intelectualizado, enquanto seu subalterno não possuía aspecto elevado nesse sentido. Ainda assim é em Schöner que Hauptmann encontra seu objeto de desejo.

A união entre o intelectualizado e o primitivo é muito frequente nas obras de Lawrence, pois o autor inglês busca mostrar que, para a pulsão ou desejo erótico, a diferenciação de classe é indiferente, completamente nula (RAMOS; NEPOMUCENO, 2010, p.108).

A força atrativa que impulsiona Hauptmann na direção de Schöner e vice-versa está bem caracterizada nas seguintes passagens:

Aos poucos, o oficial foi tomando consciência da presença insensível, vigorosa e jovem do ordenança à sua volta. Ele não podia fugir dessa presença enquanto estivesse trabalhando. Era como uma chama cálida sobre o corpo rígido, tenso do homem mais velho, que se tornara quase sem vida, fixo. (LAWRENCE, 2018, p. 221)

(...) o oficial se levantou de repente, praguejando, e seus olhos azulados como o fogo se fixaram por um momento nos do rapaz confuso. Foi um choque para o jovem soldado. Sentiu algo penetrar-lhe bem no fundo da alma, num local onde nada jamais havia tocado. Ficou bastante perplexo e atônito. Parte de sua natural autossuficiência desaparecera, dando lugar a uma leve intranquilidade. E, desde essa ocasião, um sentimento oculto existia entre os dois homens (LAWRENCE, 2018, p. 222).

Contudo as personagens estão cercadas por um código que proíbe a exposição dos seus sentimentos homoafetivos por considerá-los transgressores das representações sociais. A relação com o código é de implacável fechamento: se o indivíduo discrepa, o código não o aceita.

Buscando adequar seu comportamento às normas do universo circundante, o oficial rejeita a paixão que sente por seu subordinado:

Havia alguma coisa tão livre e independente no rapaz, e algo em seu movimento, que fazia o oficial notá-lo. E isso irritava o prussiano. Ele não resolvera se interessar pela vida por causa de seu criado. Poderia, facilmente, ter mudado de ordenança, mas não o fez. Agora, raramente olhava de frente para ele e mantinha o rosto desviado, como se quisesse evitar vê-lo (LAWRENCE, 2018, p. 221).

O mesmo acontece com o ordenança: “Mas, agora, se fosse forçado a um intercâmbio pessoal com seu superior, seria como um animal selvagem enjaulado, sentindo que devia fugir” (LAWRENCE, 2018, p. 223).

Hauptmann é um pêndulo, oscilando entre sua verdade íntima e pessoal e o cumprimento dos ditames externos. Esse conflito o leva a procurar uma mulher, visando a reafirmação da sua masculinidade e o esquecimento de seus anseios inconfessáveis. O encontro com o ser feminino, no entanto, não o satisfaz, pois a satisfação não busca previamente a distinção sexual como lei:

(...) Sentindo seus próprios nervos destroçados, decidiu ir passar alguns dias com uma mulher. (...) Foi um simulacro de prazer. Ele simplesmente não a queria. Mas permaneceu todo o tempo disponível. Finalmente voltou, em uma agonia de irritação, tormento e infelicidade (LAWRENCE, 2018, p. 230).

O soldado também procura acalmar sua inquietação frente à estranha e intraduzível relação que mantém com o capitão, partilhando de contato físico com a namorada:

O soldado tinha uma namorada, uma garota das montanhas, independente e primitiva. Os dois caminhavam juntos, em silêncio. Ele a procurava não para conversar, mas para ter seu braço ao redor da moça e pelo contato físico. Isso o acalmava, tornava mais fácil para ele ignorar o capitão; porque podia descansar com a cabeça dela segura contra o peito (LAWRENCE, 2018, p. 228).

A autocoibição da fome que vergasta seu corpo transforma o oficial num homem violento, o qual dirige sua intensa irascibilidade contra o próprio objeto do seu desejo, principalmente quando, enciumado, descobre que este tem uma namorada. A violência,

inicialmente, é de cunho psicológico - Schöner não pode mais se encontrar com sua bem-amada:

— Está com pressa? — perguntou o oficial, observando o seu semblante preocupado e nervoso. O criado não respondeu. — Quer responder à minha pergunta? — insistiu o capitão.  
— Sim, senhor — replicou o ordenança, de pé com a pilha de pratos fundos do Exército.  
O capitão esperou, olhou para ele, depois perguntou de novo:  
— Está com pressa?  
— Sim, senhor — sou a resposta, que encolerizou o ouvinte.  
— Por quê?  
— Eu ia sair, senhor.  
— Preciso de você esta noite. (. . .)  
— Precisarei de você na noite de amanhã também. Na verdade, pode considerar suas noites ocupadas, a menos que eu lhe dê licença para sair (LAWRENCE, 2018, p. 231) .

A violência passa a ser representada pela força bruta quando o subordinado se recusa a responder o motivo de ter colocado um lápis atrás de sua orelha. Hauptmann, então, o chuta várias vezes até fazê-lo admitir que usara o lápis para escrever um poema para a namorada:

— E por que tem um lápis na orelha?  
O ordenança hesitou, depois continuou seu caminho sem responder. (...) Andara copiando um verso para o cartão de aniversário da namorada. Voltou para acabar de tirar a mesa. Os olhos do oficial dançavam, e ele tinha um sorriso curto, vivo.  
— Por que tem um pedaço de lápis na orelha? — perguntou.  
(...) Em lugar de responder, virou-se, atordoado, para a porta. Quando se agachava para pousar os pratos foi atirado para a frente por um pontapé. As vasilhas desceram em corrente pela escada, ele se segurou nos suportes do corrimão. Enquanto se erguia, foi chutado com força, repetidas vezes, de forma que continuou agarrado fracamente ao balaústre por alguns instantes.  
(...)  
O tom de voz do oficial queimava como ácido.  
— Por que tinha um lápis na orelha?  
(...)  
Viu o peito do rapaz arfar enquanto se esforçava por encontrar palavras.  
— Eu estive escrevendo.  
— Escrevendo o quê?  
De repente, um sorriso se iluminou como uma chama no rosto do oficial, e um pontapé atingiu fortemente a coxa do ordenança. O jovem se moveu para um lado. Seu rosto tornou-se sem vida, com dois olhos negros, fixos.  
(...)  
A boca do jovem ficara seca e sua língua roçou nela como em um papel pardo, áspero. Acionou sua garganta. O oficial ergueu o pé. O criado enrijeceu.

— Uma poesia, senhor — veio o som partido, irreconhecível de sua voz.  
— Poesia. Que poesia? — perguntou o capitão com um sorriso repugnante.  
(...)  
— Para minha namorada, senhor — ele ouviu o som seco, inumano (LAWRENCE, 2018, p. 232-236).

As obscuras relações entre o agressor e sua vítima são descritas magistralmente por Lawrence em *O Oficial Prussiano*. Essa angustiante fusão de amor e ódio, raiva e aceitação não ocorre por acaso, uma vez que, segundo Pasolini (1990, p.155), “não existe plano de carrasco que não seja sugerido pelo olhar da vítima”. E é exatamente essa cumplicidade que o texto sugere, pois o capitão e o soldado encontram um tipo de satisfação na violência, seja ela dada ou recebida.

Essa estranha ambivalência de sentimentos pode ser percebida quando Hauptmann lança seu cinto na face de Schöner: “Por fim, arremessou a fivela de seu cinto contra o rosto do criado. Quando viu o jovem recuar, lágrimas de dor nos olhos e o sangue na boca, sentiu imediatamente uma emoção de profundo prazer e vergonha” (LAWRENCE, 2018, p. 229-230).

Quando há a inversão dos papéis, o soldado transforma-se no carrasco para poder continuar vivo:

Agarrou-se à situação — de que o capitão não existia — para que ele próprio pudesse viver. (...) E quando o capitão estava a cavalo, dando ordens, enquanto ele próprio permanecia de pé com o rifle e a mochila, aflito de dor, sentiu que deveria fechar os olhos — que deveria fechar os olhos para tudo. Foi somente a agonia prolongada de marchar com a garganta seca que o encheu de uma única, adormecida e firme intenção: salvar-se (LAWRENCE, 2018, p. 242).

Este, ao matar seu opressor com suas próprias mãos, experiencia um grande prazer e, ao mesmo tempo, uma sensação que sua vida não tinha mais importância:

Em um segundo, o ordenança, tendo o rosto sério, grave, e falando entre os dentes, havia colocado o joelho sobre o peito do oficial e pressionava-lhe o queixo para trás, contra a ponta mais distante do cepo da árvore, forçando, com todo o seu coração em uma exaltação de alívio, a tensão dos pulsos estranha com o desafogo. Com a base das palmas das mãos, empurrava o queixo com toda a força. E era bom, também, ter aquele queixo, o maxilar rijo já um pouco áspero com a barba, entre as mãos. Não relaxou um só segundo, mas, com toda a energia de seu sangue exultando com o ataque, empurrava a cabeça do outro para trás, até que houve um pequeno “cacarejo” e uma sensação de esmagamento. (...) Agradava-lhe manter as mãos pressionando o queixo para trás, sentir o peito do outro ceder, sucumbindo ao peso de

seus joelhos fortes e jovens, sentir as crispações penosas do corpo prostrado sacudindo toda a sua própria estrutura pressionada sobre ele. (...)

Bem, acontecera. No íntimo, estava satisfeito. Havia odiado o rosto do capitão. Estava extinto agora. Havia um grande alívio na alma do ordenança. Era como devia ser. Mas não suportava ver o corpo comprido do militar, jazendo dobrado sobre o toco da árvore, os belos dedos crispados. Queria escondê-lo.

(...)

O rapaz sentou-se próximo ao corpo por alguns momentos. Ali terminava, também, sua própria vida. (LAWRENCE, 2018, p. 255-258).

Num nível mais complexo, a luta entre os antagonistas é uma clássica exposição do sadismo e do masoquismo, forças aparentemente opostas mas correlatas. Primeiramente, o capitão é o sádico e Schöner, o masoquista. Depois, os papéis são trocados. O sofrimento do soldado com os maus tratos do seu superior não podem ser evitados; como soldado, sua capacidade de desobedecer ao seu líder é limitada. No entanto, como já citado, Lawrence lança pistas ao leitor a fim de que ele perceba que, mesmo diante do sofrimento, o soldado é misteriosamente atraído pela energia erótica do capitão.

Em seu estudo *O problema econômico do masoquismo* (1972), Freud faz referências a dois termos: o masoquismo que consiste no prazer em sentir a dor e receber a agressão, e o sadismo, no prazer em proporcionar a dor e a agressão. Nesse ensaio, afirma que há três modos de masoquismo, e o mais grave deles é o masoquismo moral ou violência moral.

A relação amorosa velada entre o oficial Hauptmann e o soldado Schöner é embasada na negação do desejo erótico. Segundo Freud, esta é uma técnica de defesa, um destino dado à pulsão, que afasta o fato da consciência para manejar o conflito. A paixão entre os dois homens é inconsciente, exatamente por não poder ser concebida conscientemente por eles, assim é canalizada para a violência. A tensão mantém-se em toda a narrativa, evidenciando o conflito intimista sentido pelos personagens.

Nesse sentido, o masoquismo moral, definido por Freud, que permeia a relação entre os dois, está desempenhando o papel inconsciente da culpa; há aí uma feroz agressividade do superego contra o id. A agressividade é a manifestação da pulsão de morte, ou seja, há a concepção da tentativa de destruir o desejo sexual, algo que passa a

ser reprimido, dilacerando o sujeito contra si mesmo; nesse caso, o sofrimento do oficial se desdobra no sadismo, já que ele sente prazer em espancar o soldado.

Vale lembrar que o prefácio escrito pelo tradutor Aníbal Fernandes acerca desse conto de D.H. Lawrence para o português, editado em 1987 pela Hiena Editora, tem como título 'Senhor e Servo'. Não ao acaso, pois um dos aspectos mais significativos deste conto prende-se à questão do poder e da sua relação com o erotismo.

O que é verdadeiramente analisado nesse conto é a relação de codependência entre o senhor e seu servo. A sexualidade desviada para a agressividade origina um jogo doentio de poder e agressão de que ninguém pode sair vencedor, porque o servo, ao ser vítima, tem também poder, quando muito o poder de fazer do oficial o seu senhor. Por isso, não há uma concretização do desejo, pois anularia o jogo, tornando iguais senhor e servo. O mesmo acontece com a morte, essa, sim, consumada. O servo mata o seu senhor, mas percebe que a sua vida acabou também e termina por definhar, ficando lado a lado com o seu senhor na morgue.

Para Brian Finney (1989, p.15), Lawrence usa o toque e o olhar em várias situações para simbolizar a batalha entre as forças conscientes e inconscientes presentes nas suas personagens. O toque conecta as correntes emocionais mais profundas das personagens, ao passo que o olhar representa o impacto penetrante do intelecto.

Nesse conto, o uso da força bruta por Hauptmann é empregado como expressão de uma sexualidade pervertida, a qual causa sua morte quando o soldado a dirige contra ele. As forças do inconsciente são suficientemente poderosas para matar quem se opõe a elas.

O olhar é utilizado para sugerir a presença da mente consciente. O penetrante olhar do capitão força o ordenança a uma indesejável consciência do seu desejo homoerótico. Para restaurar a vida dos sentidos inconscientes, é preciso, então, eliminar o oficial.

Depois do assassinato, o soldado é morto pelo sol, fonte de luz, que simboliza a conscientização de uma sexualidade fora dos trilhos habituais, a qual o assusta e o faz mergulhar no desespero de sonhos delirantes:

Deitou-se imediatamente e fechou os olhos, sua percepção continuando a correr sem ele. Uma grande pulsação da doença palpitou nele, como se latejasse por toda a terra. Ele estava queimando com o calor árido. Mas estava ocupado demais, excessiva e violentamente ativo na corrida incoerente do delírio, para notá-lo (LAWRENCE, 2018, p. 260).

Jorge Wanderlei, referindo-se a esse conto de Lawrence, afirma que nesse texto a noção de homoafetividade está completa e marcante na mente de um dos componentes do par, gerando uma sentença dupla: morte, morte:

Aqui, alguém se sabia, alguém sabia do indizível, do impossível, do inconcebível. Então, morte. Como se o código das representações sociais, nesse contexto, fosse capaz de proferir máximas, e reinasse, declarando: a consciência é que mata (1994, p.118).

Assim, o toque aparece, nesse conto, sob a forma de gestos e atos violentos por se tratar de uma relação doentia, condenada pelo mundo exterior e pela moral puritana das próprias personagens que não podem acariciar-se e revelar sua paixão, restando a elas tocaram-se e comunicarem-se por meio da agressão física.

Costa (1992, p.52), ao classificar as relações homoeróticas encontradas na literatura no século XIX e no início do século XX, denomina o conto lawrenciano de um homossexualismo de quartel, em que a repressão sexual produz monstros.

Sobre essa classificação, o psicanalista brasileiro comenta o seguinte:

(...) nos ambientes inflexíveis, rígidos e impiedosos das casernas, militares homoeroticamente inclinados entregam-se a verdadeiras orgias de brutalidade contra as “vítimas” de suas aspirações sexuais. O desejo amoroso torna-se uma descida aos infernos. As personagens vivem uma atmosfera de aflição e desespero que só o assassinato e o suicídio vêm remediar (1992, p.52).

Tem-se no conto em análise uma contraposição a uma das teses centrais da obra lawrenciana como um todo, a de que o instinto se revela superior às convenções. Aqueles que tentam burlar as pulsões do corpo e da vida, negando suas energias naturais ou sexuais como é o caso do oficial Hauptmann e de seu subordinado, terminam por ocasionar terríveis desastres pessoais.

Para Bataille (1985, p.161), a entrada na vida social produz “o horror da impotência humana” no indivíduo. Tão proeminentes são os efeitos do medo e da culpa no sujeito moderno que o prazer acaba por derivar-se da segurança, mas o prazer verdadeiro é encontrado em momentos em que a identidade se libera. No conto em questão, nenhum dos personagens encontra o prazer real, pois negam o risco erótico em favor de uma estabilidade social, que os acaba levando à morte.

No entanto, vale lembrar que, apesar da moralidade burguesa do início do século XX, o erotismo sempre esteve ao lado da repressão que, embora dominasse os discursos acerca da sexualidade, não foi capaz de suprimir obras artísticas que explorassem os



desejos humanos e estabelecessem uma crítica acerca dos parâmetros sociais da época as quais estava relacionada, como fez Lawrence.

### Referências

BATAILLE, Georges. **Visions of excess**. Manchester: Manchester University Press, 1985.

COSTA, Jurandir Freire. **A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo**. Rio de Janeiro: Relume - Dumará, 1992.

FINNEY, Brian (ed.). **D. H. Lawrence: selected short stories**. London: Penguin Books, 1989.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1972, v. VII.

LAWRENCE, D. H. Pornography and obscenity. In: KERMODE, Frank et al. **The Oxford anthology of English literature**. Oxford: Oxford University Press, 1973, v.2, p. 1957-1968.

\_\_\_\_\_. **O cigano e outras histórias**. Tradução de Alexandre Pinheiro Torres e Maria Célia Castro. Rio de Janeiro: Record, 2018.

PASOLINI, Pier Paolo. **Os jovens infelizes**. Tradução de Michel Lahud e Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Brasiliense, 1990.

RAMOS, Edilene Ferreira; NEPOMUCENO, Luís André. **Literatura e psicanálise: a sensibilidade burguesa na Inglaterra modernista**. 2010. Disponível em:

<[http://www.unipam.edu.br/perquirere/images/stories/2010/Literatura\\_e\\_Psicanalise](http://www.unipam.edu.br/perquirere/images/stories/2010/Literatura_e_Psicanalise)>.

Acesso em: 18 jul. 2018..

WANDERLEY, Jorge. **Arquivo / ensaio**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.